

ARQUEOLOGIA DE FUNERAIS: QUANDO OS MORTOS ESCLARECEM OS (ARQUEOLOGOS) VIVOS

MENDONÇA DE SOUZA, Sheila
FIOCRUZ e MN/UFRJ /Brasil
sferraz@ensp.fiocruz.br

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar problemas e potencialidades da arqueologia funerária e chamar atenção para a necessidade de maiores investimentos no estudo dos sítios brasileiros contendo restos humanos. Considerando que o achado de ossos humanos, quer em situação de deposição primária ou secundária, em situação de organização anatômica ou não, proporciona referencial fixo importante para interpretações que vão além dos aspectos bioantropológicos, chegando a permitir maiores inferências sobre os processos deposicionais e pós-deposicionais, estes estudos devem ser condizidos pela premissa de que podem contribuir significativamente para a interpretação dos processos que levam a formação do próprio sítio arqueológico. A partir de alguns exemplos brasileiros e da proposição de doze perguntas-guia ao estudo de um sítio funerários, busca-se apontar as possibilidades de melhorar a inferência nesse campo da arqueologia no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE

Arqueologia funerária – metodologia de pesquisa – bioarqueologia

INTRODUÇÃO

O estudo de restos funerários, ainda que ocupando parte importante das atenções da arqueologia brasileira em todos os tempos, recebe tratamento relativamente superficial e freqüentemente arqueográfico, razão pela qual o conhecimento produzido até hoje sobre sítios com sepultamentos humanos contribui menos do que poderia para o conhecimento das práticas e posturas relacionadas à morte, e para a reconstituição pré-histórica como um todo. A interpretação das estruturas funerárias, principalmente, é , de um modo geral, superficial e feita sem a devida proficiência, baseando-se mais em impressões iniciais do que na discussão objetiva de sinais e evidências anatômica, tafonômicas, estratigráficas e assim por diante.

Apesar da existência de alguma literatura etnográfica brasileira sobre a morte, e apesar dos numerosos trabalhos publicados sobre sítios arqueológicos com sepultamentos que incluem monografias como a de Schmitz et al (1999) recentemente publicada, e sínteses como as de Montardo (1995) e Silva (2001), por exemplo, também não temos sido capazes de aproximar melhor os modelos etnográficos dos achados arqueológicos, ou chegar a propor interpretações mais detalhadas para as práticas mortuárias pré-históricas no Brasil. Por outro lado, não temos discutido mais profundamente de que modo as transformações deposicionais e pós-deposicionais afetam os dados referentes aos os estudos bioantropológicos, funerários ou arqueológicos, no caso de tais sítios.

Do ponto de vista da antropologia biológica, a pesquisa em sítios do tipo cemitério tem geralmente restringido sua demanda à identificação sumária dos indivíduos quanto ao sexo, idade, algumas proposições paleodemográficas e sobre as condições de saúde, limitando-se geralmente ao trabalho laboratorial pós-escavação (Mendonça de Souza, 2001). Correlações dos restos humanos com os achados de outros materiais, interpretados ou não como acompanhamento funerário, e com alguns aspectos locais e de disposição espacial dos corpos, tem sido apresentadas apenas em algumas poucas publicações (Wesolowski, 2001). Estudos tafonômicos e correlações detalhadas entre evidências estruturais, contexto arqueológico e condições em que se encontram os despojos também ainda são raros. Discussões sobre o tipo de espaço onde o corpo foi colocado, considerando as características tafonômicas observadas, são discutidas na literatura tradicional por Duda (1978, 1990), por exemplo, mas apenas foram inicialmente discutidas no Brasil em trabalhos como os de Simon et al. (1999) e Fernandes (2002). O impacto antrópico sobre as estruturas funerárias, seja contemporâneo aos sepultamentos, seja posterior, é especialmente pouco discutido (Mendonça de Souza et al., 2001; Silva et al., 2001).

Poucas interpretações tentam abordar as transformações ocorridas no sítio pré-histórico a partir da leitura das estruturas funerárias e sua condição de achado (Vergne, 2002). Na maior parte dos casos uma interpretação do sítio é obtida a partir de suas outras evidências, tais como os aspectos estratigráficos mais gerais e os conteúdos arqueológicos, e estas fornecem a base para estabelecer a priori a hipótese de inserção do achado funerário. A inversão de leitura dos espaços e estruturas funerárias para o sítio como um todo parece um procedimento até mesmo pouco usual. No entanto, considerando-se a grande variedade dos sítios funerários, onde contam-se sítios que são simples e unicamente cemitérios, sítios que são cemitérios associados a outros usos, cemitérios construídos sobre ocupações anteriores, cemitérios aos quais se sobrepõem novas ocupações, cemitérios sobre os quais se sobrepõem outros cemitérios, ou atos funerários, e assim por diante, talvez essa deva ser cada vez mais uma possibilidade a ser testada. Para todas as situações, diferentes graus e possibilidades de destruição e remanejamento-redeposição das evidências devem ser consideradas. Sendo estruturas complexas e ricas em informação, cujo referencial central são remanescentes biológicos cuja morfologia e comportamento, ao longo dos processos cadavéricos, pode ser muito previsível, as evidências funerárias, sejam ou não constituídas por estruturas bem organizadas, assim como os ossos dispersos, contribuem decisivamente para a interpretação do espaço arqueológico e suas transformações, desde que lidos adequadamente.

Podendo representar o uso de um espaço por mais de um grupo, ou pelo mesmo grupo, em diferentes intervalos cronológicos, os sítios cemitérios freqüentemente admitem também a segregação ou seja estratificação ou diacronização dentro de uma mesma unidade. A busca de unidades segregáveis nos conjuntos funerários, tanto para o estudo bioantropológico detalhado, como para uma melhor compreensão dos processos e do uso do espaço arqueológico, e também pouco aplicada no Brasil, muito embora proposta há alguns anos por Lima e Mendonça de Souza (1994), Gaspar et al. (1994), e agora Vergne (2002). Pouco explorada nos trabalhos publicados sobre o tema, e principalmente muito

pouco valorizada nas abordagens de campo, a segregação de unidades significativas do ponto de vista biocultural, ainda e preterida pela visão dos sítios como macro-unidades culturais, ainda que de longa duração, e pela vantagem do número mais expressivo de exemplares nos agregados por sítio. Em alguns casos, embora segregadas na descrição do sítio arqueológico, as unidades de uso do espaço funerário tendem a ser somadas com a finalidade de formar maiores unidades de estudo, a menos que esteja muito clara sua distinção cultural. Ainda assim, a possibilidade de migração de materiais e as diferenças por vezes tênues entre duas ocupações podem fazer com que unidades previamente segregadas como no caso das duas séries funerárias do Forte Marechal Luz por exemplo, sejam freqüentemente reunidas em um único conjunto para fins de análise, prevalecendo o conceito de sítio em sua generalidade, sobre a investigação dos processos, transições e peculiaridades. Isto geralmente tem sido fruto da necessidade de propor número mais significativos que apoiem interpretações, principalmente dada a reduzida extensão de muitas das escavações realizadas no Brasil.

Os conjuntos funerários também são pouco utilizados como auxiliares à delimitação e interpretação espacial das ocupações arqueológicas, embora sejam geralmente bons demarcadores de limites estratigráficos e de uso do espaço. Desta prática resulta com freqüência a publicação dissociada e discussões pouco integradas dos resultados da pesquisa de campo e interpretação arqueológica geral e das análises bioantropológicas, com eventual conflito de interpretações e resultados.

Os achados arqueológicos, sejam ou não de natureza funerária, são evidências materiais despojadas de informantes, são indícios. Além de representarem apenas parcela pequena do universo correspondente ao ritual funerário, sofrem transformações com o tempo e, tal como o restante do sítio arqueológico, têm que ser lidos de modo a que se distinga pelo menos três tipos de eventos, ou processos: os processos pós-deposicionais, os processos deposicionais, e os processos prévios aos funerais, ou à deposição da evidência. No caso de muitos materiais arqueológicos, temos ainda que trabalhar com a possibilidade teórica de deposições subseqüentes, o que desdobra os dois primeiros itens em diferentes momentos da formação do sítio arqueológico para um mesmo testemunho. Quanto mais precisa for a associação das observações de campo ou laboratório com cada uma dessas categorias de eventos, mais perto se chega de discernir os diferentes e subseqüentes comportamentos culturais passíveis de registro para um dado conjunto de evidências. No entretanto, analisar tais processos exige modelos, que ainda são escassos, e a maior parte dos achados permanece na etapa prévia, simples e descritiva que verifica presença ou ausência de um pequeno conjunto de variáveis, em geral as mesmas para todos os casos.

Evidências funerárias são ao mesmo tempo substrato que forma o espaço arqueológico, marcadores culturais dentro deste espaço e poderosos indicadores da intervenção antrópica, e outras mudanças ocorridas no sítio. Ao escavar, recuperar e analisar as informações de um sítio arqueológico, separando-se os componentes funerários e não funerários, perdem-se elementos essenciais à interpretação do conjunto. E ao permitir que as análises laboratoriais sejam

dissociadas cronologicamente do trabalho de campo, ou feitas em paralelo, perde-se informação e potencial de inferência. A leitura de dados funerários e do contexto arqueológico pode e deve ser integrada, considerando-se o potencial elucidativo dos conhecimentos bioantropológicos em sua associação aos fundamentos da tafonomia.

Considerando esta problemática de pesquisa é que procurou-se no presente trabalho apresentar algumas leituras de dados funerários e bioantropológicos, obtidos em estudos de caso no Brasil, e discutí-los como solução a posteriori para a interpretação arqueológica.

ALGUNS EXEMPLOS

Luzia, famosa, foi escavada na Lapa Vermelha IV, em Minas Gerais, por Laming-Emperaire e equipe franco-brasileira na década de 70 (Laming-Emperaire et al, 1975). Inicialmente era um punhado de ossos e um crânio “Lagoa Santa” dispersos e provenientes de depósitos secundários. No laboratório, reunidas as partes, verificado o NMI 1, a coerência anatômica do conjunto e a correspondência entre dentes superiores e inferiores, confirmou se um indivíduo, em deposição secundária que durou séculos. Explicar Luzia foi mais que contar a história de um esqueleto, foi conhecer melhor um sítio arqueológico em sua complexa e dinâmica geomorfologia (Melo e Alvim, 1977). A história de Luzia tornou-se um clássico sobre a difícil interpretação das lapas, e sobre o potencial elucidativo da evidência anatômica numa interpretação arqueológica. Mostrou que o olhar especializado em laboratório, mesmo sem ir ao campo, muda a leitura pré-história.

O Boa Vista é um sítio em morrote, na planície litorânea, escavado por Gaspar e equipe na década de 80 (Gaspar et al, 1994), numa área sob forte impacto antrópico recente. Apresentou estruturas funerárias que se distinguem pela profundidade e localização espacial, e também muito material desarticulado. Análises bioantropológicas permitiram a identificação dos ossos, quantificação e mapeamento de tais remanescentes. Considerando variáveis de distribuição espacial e outras informações de campo (Silva et al, 2000) e o NMI, tanto de ossos dispersos como de estruturas funerárias, foram confirmados dois ciclos de sepultamentos, cada um deles sucedido por impactos antrópicos e naturais, destruição, dispersão e superficialização de ossos humanos. O ciclo funerário mais recente, mais intensamente afetado, tem estruturas onde quase se perderam as evidências do padrão primário de deposição, declives erodidos à volta do morrote deixaram remanescentes humanos praticamente à superfície. No centro e nas camadas inferiores menos impacto antropico permitiu estruturas mais conservadas.

O comportamento do material ósseo humano, deslocado ou mantido em sua posição original, e sua correlação com os aspectos estratigráficos do sítio permitem marcar alterações pós-deposicionais a partir das quais é possível relativizar a interpretação dos demais remanescentes arqueológicos, e dos supostos padrões funerários primário e secundário.

Os cemitérios Maracá têm enterros secundários, em urnas deixadas sobre o solo em abrigos-sob-rocha ocultos em plena selva. Descritos no século passado, só voltaram a ser encontrados pela ciência e pesquisados na década de 90 por Guapindaia e equipe (Guapindaia & Machado, 1997). Afetados pelo crescimento

de plantas, passagem de animais, e do próprio homem, mostram cerâmica e ossos fragmentados, parcialmente dispersos e deslocados de sua posição original, ainda que se trate de um testemunho relativamente recente. Embora tenham padrão original de sepultamentos individuais, dentro de algumas urnas podem ser encontrados ossos em diferentes estágios tafonômico, retirada de parte dos remanescentes e re-alocação de ossos avulsos de diferentes indivíduos, indicando interferência antrópica recente. Análise arqueológica, apontando emendas feitas ao longo de rachaduras dos vasilhames, sugere sua re-utilização, ou a retomada de cuidados humanos após um ciclo de degradação. A demonstração de manipulação dos despojos e interferência humana nos cemitérios Maracá apontam para a modificação das evidências e ao mesmo tempo para atos de cuidado, sugerindo que a história de uso de tais sítios e de seu manejo antrópico, possa ser mais complexa do que o imaginado (Mendonça de Souza et al., 2002).

No cemitério da Furna do Estrago, escavado por Lima e equipe na década de 80, ocorre uma sucessão de ocupações pré-históricas milenares, mas destaca-se o achado de um conjunto funerário recente com mais de 80 sepultamentos primários, distribuídos por toda a área elegível para enterros dentro do abrigo. Covas sobre covas, por cerca de 200 anos ajudaram a subir o nível do piso arqueológico. A boa conservação dos ossos na maior parte do abrigo não deixa dúvida sobre o enterro de crianças, pois até recém-nascidos foram encontrados em boas condições (Lima, 1986). A contagem de indivíduos, e de ossos avulsos infantis dentro e fora de covas foram coerentes com o reduzido número de crianças sob efeito tafonômico diferencial neste cemitério cujo espaço fora intensamente utilizado. de ter sido utilizado por apenas cerca de duzentos anos. Expandindo-se horizontal e verticalmente esta atividade funerária promoveu deposição e redeposição de materiais arqueológicos, causou grande impacto ao conjunto das camadas arqueológicas até o Otimo Climático e teve papel importante na elevação do piso do abrigo. O mapeamento das sepulturas, sua cronologia e a reconstituição de comportamentos culturais ao longo deste período funerário, na tese de Jeannette Lima, ainda inédita, mostram o interesse na estratificação das estruturas funerárias para a compreensão das sucessões culturais e biológicas naquele período.

O Justino é um sítio em terraço, aberto, à margem do São Francisco, escavado por Vergne e equipe durante um salvamento arqueológico feito na década de 80 (Vergne, 2002). Mostra ocupação humana recorrente por milênios, tem mais de uma centena de sepultamentos, a maior parte primários, intercalados por 6 metros de sedimentos depositados periodicamente pelo rio, ao longo de 9.000 anos. Cerâmica, líticos e outras evidências distribuem se numa distribuição aparentemente contínua, ainda que de variada densidade. Análise tafonomica das sepulturas e sua distribuição espacial (Simon et al., 1999 Vergne, 2002) revelaram diferentes agrupamentos de sepulturas e suas relações com as concentrações de materiais arqueológicos, e a definição do uso do espaço funerário permitiu evidenciar 4 etapas de ocupação distintas para o sítio.

COMENTÁRIOS FINAIS E SUGESTÕES PARA NOVOS PROTOCOLOS

Como elemento anatômico reconhecível, regular e capaz de responder, de um modo geral, a padrões conhecidos, mesmo em seus aspectos tafonômicos, os

ossos humanos, dentro ou fora de estruturas funerárias, têm se mostrado auxiliares importantes à interpretação dos sítios arqueológicos e não apenas provedores adicionais de conhecimentos bioantropológicos.

Entende-se para tanto que estruturas funerárias e ossos humanos dentro ou fora de contexto funerário constitui-se numa das mais importantes e constantes fontes de informação em sítios arqueológicos, permitindo certamente saber muito mais sobre os procedimentos funerários e sobre os indivíduos inumados, mas também sobre os sítios e sua história. Registros funerários especializados, apoiados tanto no conhecimento de anatomia humana como nos processos de decomposição e transformações pós-deposicionais; coletas oportunísticas de amostras, e modelos hipotéticos auxiliariam a condução de pesquisa neste campo. Mais do que uma escavação geralmente feita hoje, a partir de um protocolo simplificado e rotineiro, uma escavação funerária deveria ser trabalho minucioso de investigação e descoberta, comportar perguntas específicas a serem respondidas, e dialogar com a descoberta progressiva do sítio realizada ao longo de sua escavação. Perguntas sobre as condições em que se encontram as estruturas funerárias e demais restos humanos e quais suas relações com o contexto do sítio, pensando-se principalmente a partir dos processos de formação e destruição dos testemunhos arqueológicos, devem ser mais freqüentemente feitas potencializando uma leitura integrada dos espaços e remanescentes funerários a evidências arqueológicas de outra natureza.

Na literatura parece haver consenso de que seis tipos de elementos devem ser considerados na análise dos achados funerários: aspectos da biologia humana, aspectos relacionados a sua manipulação durante práticas funerárias, o preparo da área funerária, acompanhamentos funerários, características locais e espaciais dos enterros, e finalmente as características físicas, químicas e biológicas do ambiente funerário com suas respectivas implicações tafonômicas. Tais elementos, em conjunto, recontam a história de processos que acompanham e sucedem o ato funerário, e como tal devem ser lidos o mais detalhadamente possível, e de forma integrada. A análise de tais elementos deverá permitir a reconstituição, ao menos parcial, mas também de outros fatos que a ele se sobrepõem ou com ele coincidem na história de formação de um testemunho arqueológico. Estas informações também deverão, em última análise, permitir evidenciar relações entre a formação dos testemunhos funerários e a formação do sítio arqueológico como um todo, a partir de um olhar privilegiado sobre a biologia humana disponível nas estruturas funerárias, ou em outras formas de deposição de despojos humanos.

Entendendo que há mais nos estudos funerários e de restos humanos do que as análises bioarqueológicas. E entendendo que novos e mais minuciosos protocolos analíticos seriam úteis a recuperação e articulação de dados de campo e laboratório, propõe-se que a abordagem de sítios contendo restos humanos prepare-se para responder a algumas questões fundamentais, minimamente úteis ao entendimento do sítio como um todo e do espaço funerário como um testemunho peculiar e único em um contexto arqueológico:

1. Que tipos de estruturas funerárias existem (com ossos articulados, dispersos, inteiros, cremados, etc) e mostram deslocamento ou perda de seus componentes

2. Que fatores tafonômicos, ambientais ou antrópicos, poderiam relacionar-se à integridade ou dano observado?
3. Como se distribuem espacialmente sepulturas e equivalentes no espaço do vertical sítio?
4. Há ossos, ou outros restos humanos dispersos, e como se distribuem espacialmente?
5. Como se relacionam espacialmente restos dispersos e estruturas funerárias do sítio?
6. É possível correlacionar, morfologicamente ou a partir de critérios tafonômicos, ossos avulsos e-ou sepultamentos primários?
7. Como se distribuem, comparativamente, o Número Mínimo de Indivíduos obtido a partir de exemplares ainda sepultados em sua situação original (sem distúrbio) e aquele obtido a partir de ossos dispersos ou em deposição secundária?
8. Como se comporta a estratigrafia do sítio em relação à distribuição espacial dos restos humanos, sejam em deposição original ou em situação de redeposição?
9. Como parece Ter-se dado o impacto dos sepultamentos sobre as camadas arqueológicas pré-existentes no sítio, e como se sucedem no espaço funerário?
10. Como as alterações no substrato arqueológico parecem afetar as estruturas funerárias ?
11. Quantos conjuntos distintos de uso funerário parecem ocorrer no sítio?
12. Como se distribuem espacialmente e qual a correlação entre eles?

Ainda que muitas destas questões só possam ser definitivamente respondidas

após trabalhos laboratoriais intensivos, o exercício de seu questionamento ainda em campo poderá ser de grande utilidade na antecipação de questões, coleta de dados e teste de hipóteses a partir de uma documentação e análises direcionadas para este fim.

A tais perguntas deverão ser acrescentadas muitas outras, é claro. Talvez as mais importantes digam respeito à cronologia absoluta das estruturas funerárias a partir da datação direta dos ossos humanos. Esta questão, ainda fortemente limitada pelos custos das datações e pela relação custo-benefício na destruição de material humano para datação, tem-se mostrado crucial, tal como discutido para a Furna do Estrago (Mendonça de Souza, 1995). Por outro lado, o tempo e o investimento dispensados para a documentação interpretativa detalhada da estrutura funerária antes e durante seu desmonte, permitem corrigir com vantagens, mesmo a partir de análises laboratoriais posteriores, algumas percepções de campo, e alguns estereótipos fixados ao longo de décadas de pesquisas durante os quais os olhares direcionados a estruturas funerárias foi pouco atento, deixando como herança conceitos como por exemplo o de que enterros em urnas são sempre secundários.

Neves, recentemente, contribuiu com mais um novo olhar sobre as estruturas funerárias de Lagoa Santa (Neves et al, 2002), ao descrever enterros secundários e trabalho intencional em ossos humanos daqueles sítios, adequadamente contextualizados e datados, observação esta que

já havia sido feita anteriormente nas coleções históricas do Museu Nacional, infelizmente de contexto arqueológico pouco definido.

Se para os sítios arqueológicos brasileiros vale o proposto por Metraux (1948) de que a maior parte dos locais de enterros (primários ou secundários) associa-se a habitações na América do Sul, e que esta associação pode se dar em áreas de habitação ainda em uso, ou em área de antigas habitações ou aldeias abandonadas, pode-se medir a importância de estreitar o diálogo interpretativo entre os testemunhos funerários e os sítios como um todo. Some-se a isso a frequência de re-ocupação de sítios, muitos deles em situação estratégica ou confortável no que se refere às defesas, obtenção de alimentos e outros aspectos, torna-se ainda mais importante a análise aprofundada de tais testemunhos uma vez que o impacto antrópico, contemporâneo, subsequente ao uso do cemitério, ou atual, sobre sítios mais antigos, inclusive cemitérios é um elemento relevante a ser considerado.

Finalmente, cabe lembrar que a etnografia, tal como já citaram Metraux (1948), Cunha (1978), Vilaça (1992) e outros, nos deixa exemplos claros das intervenções intencionais de alguns grupos sobre os locais de enterros, não apenas para a realização de ritos secundários, mas também pelo exercício exploratório, ritual ou de outra natureza, que uma vez passada a interdição inicial que precede a esqueletonização, poderá estar sendo executada pelo próprio grupo étnico que sepultou. Assim sendo, o sítio funerário como local intocado desde o momento da deposição, livre de intervenções antrópicas intencionais desde a sua constituição, cabe eventualmente em nossa sorte mas não de modo algum uma regra.

Toda esta complexa história de formação e transformação dos espaços funerários, por um lado, e todo o potencial informativo da arqueologia funerária e dos remanescentes esqueléticos por outro, estimulam portanto abordagens mais detalhadas e integradas das informações funerárias, e a definitiva adoção de um projeto teórico mais consistente a ser aplicado em arqueologia funerária no Brasil. A adoção de um protocolo mais detalhado de trabalho com questões pertinentes a futura interpretação do sítio e seus processos de construção e transformação seria um bom começo, afinal.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Cunha, MC da. 1978. *Os Mortos e os Outros*. São Paulo: Huicitec.

Duday, A . 1978. Archéologie Funeraire et Anthropologie: Application des Relevés et de l'étude Osteologique 'a l'interpretation de Quelques Sepultures Pré et Proto-historiques du Midi de La France. *Cahiers d'Anthropologie* (Paris) 1:55-101.

Duday, A, Cortaud,P, Crubezh, E, Sellier, P, Thillier, AM . 1990. L'Anthropologie de Terrains: Reconnaissance et Interpretation des Gestes Funéraires. *Bulletin et Memoir de la Societé d'Anthropologie de Paris* 2(3-4):29-50.

Gaspar, MD, Barbosa, M, Barbosa, D. 1994. Parões Demográficos para Sambaquis. *III Congresso Latinoamericano de Antropologia Biológica – Resumos*. Rio de Janeiro: ALAB. Pp21.

Gaspar, MD, Barbosa, D, Barbosa, M. 1994. Análise do Processo Cognitivo de Construção do Sambaqui Ilha de Boa Vista I (RJ). *Clio* 1:103-123.

Guapindaia, V, Machado, ALC. 1997 . O Potencial Arqueológico da Região do Rio Maracá? Igarapé do Lago (AP). *Boletim do Museu paraense Emílio Goeldi (Série Antropologia)* 13(1):67-102.

Fernandes, LA . 2002. Tafonomia Comparada das Urnas de Aratu (Piragiba e São Felix do Coribe, Bahia). *Canindé* 2: 291-312.

Lamming-Emperaire, A, Prous, A, Vilhena de Moraes, A, Beltrão, MCM de C. 1975. Grottes et Abris de la Région de Lagoa Santa, Minas Gerais, Brésil. *Cahiers d'Archeologie d'Amérique du Sud* 1. Pp1-185.

Lima, JMD de . 1986. *Arqueologia da Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, Pernambuco*. Curso de Mestrado em História da UFPe. Dissertação de Mestrado.

Mello e Alvim, MC de. 1977. OS Antigos Habitantes da Área Arqueológica de LAGOA Santa, Minas Gerais, Brasil – Estudo Morfológico. *Arquivos do Museu de História Natrual da UFMG* 2:119-176.

Lima, JMD de, Mendonça de Souza, SMF.1994. O Uso do Espaço no Cemitério Arqueológico da Furna do Estrago: Aspectos Demográficos e Sócio-Culturais. In: *Anais do III Congresso da Associação Latinoamericana de Antropologia Biológica*. Rio de Janeiro: ALAB.

Mendonça de Souza, SMF. 1995. *Estresse, Doença de Adaptabilidade: Estudo Comparativo de Dois Grupos Pré-Históricos em Perspectiva Biocultural*. Pós-Graduação em Saúde Pública, Rio de Janeiro: ENSP/FIOCRUZ.

Mendonça de Souza, SMF, Lima, JMD de, Rodrigues-Carvalho, C. 1998. Restos Humanos Calcinados: Cremação em Abrigo ou Sepultamento de Cinzas? *Revista da Sociedade de Arqueologia Brasileira* 11:107-124.

Mendonça de Souza, SMF. 2001. Paleopatologia, Paleoepidemiologia: Arqueologia? In Kern, AA & Hilbert, K (Orgs.) *Arqueologia do Brasil Meridional*. Porto Alegre: PPH/FFCH/PUC. Em CD.

Mendonça de Souza, SMF, Guapindaia, V, Rodrigues-Carvalho, C . 2001. A Necrópole Maracá e os Problemas Interpretativos em um Cemitério sem Enterramentos. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi (Série Antropologia)* 17(2):479-520.

Metraux, A . 1948. Mourning Rites and Burial Fromsa of the South American Indians. *América Indígena* 7:7-44.

Montardo, DLO . 1995. Práticas Funerárias das Populações Pré-Coloniais e suas Evidências Arqueológicas (Reflexões Iniciais). Porto Alegre, PUCRS/IFCH/Pós – graduação em história. Dissertação de Mestrado.

Neves, WA, Prous, A, Gonzalez-José, R, Kipnis,R, Powell, J. 2003. *Journal of Human Evolution* 45:19-42.

Neves, WA, Hubbe, MOR, Araújo, AGM. 2002. A Late Paleoindian Secondary Ritual Burial from Lagoa Santa, Minas Gerais, Brazil. *Current Research in the Pleistocene* 19: 83-85.

Schmitz, PI, Rosa, AO, Izidro, JM, Haubert, F, Krever, MLB, Bitencourt, ALV, Rogge, JH, Beber, MV. Içara, um Jazigo Mortuário de Santa Catarina. *Pesquisas (Antropologia)* 55:11-157.

Silva, SFSM . ,*Um Outro Olhar sobre a Morte: Arqueologia e Imagem de Enterramentos Humanos no Catálogo das Coleções – Tenório e Mar Virado, Ubatuba, São Paulo. São Paulo, Programa de Pós Graduação em Antropologia, USP/FFLCH/MAE. Dissertação de Mestrado.*

Silva, EC, Gaspar, MD, Barbosa, M. 2000. O Sambaqui da Ilha de Boa Vista I: uma Reflexão sobre os Sepultamentos. In: Mendonça de Souza, SMF (Org.) *Anais do IX Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Rio de Janeiro: Sociedade de Arqueologia Brasileira. WEB CD.

Simon, C, Carvalho, OA, Queiroz, AN, Chaix, L .1999. *Enterramentos na Necrópole do Justino – Xingo*. Universidade Federal de Sergipe-PAX, pp61.

Vergne, C . 2002. Estruturas Funerárias do Sítio Justino: Distribuição no Espaço e no Tempo. *Canindé* 2:251-274.

Villaça, A . 1992. *Comendo como Gente: Formas do Canibalismo Wari*. Rio de Janeiro: Eduferj.

Waldron, T. 1994. *Counting the Dead: The Epidemiology of Skeletal Populations*. Chinchester: Willey & Sons.

Wesolowski, V .2001. Caracterização de Amostras Esqueletais para Análise Paleopatológica: uma Questão Metodológica. *Anais da SAB 2001 – Arqueologia do Novo Milênio*. Rio de Janeiro: Sociedade de Arqueologia Brasileira (resumos).